

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

CENTRO PAULA SOUZA

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

TÂNIA MARA MANCINI BAMBOZZI

Centro de Memória da Etec Sylvio de Mattos Carvalho

Matão/SP

2018

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistador: Analder Magalhães Honório

Instituição: Etec Sylvio de Mattos Carvalho

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Tânia Mara Mancini Bambozzi é docente na unidade desde o ano de 1999, sendo a professora com mais tempo de escola dentro do curso de Enfermagem, ela iniciou os trabalhos na unidade em 15 de março 1999. Além das atividades docentes, é responsável pela Unidade Básica de Saúde central do município.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Analder Magalhães Honório

Local da entrevista: Laboratório de Enfermagem da Etec Sylvio de Mattos Carvalho

Data: 06 de setembro de 2018

Técnico de gravação: Analder Magalhães Honório

Duração: 24 minutos e 41 segundos

Número de vídeos: um

Transcritor: Analder Magalhães Honório

Número de páginas: 10

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, durante as capacitações Clube de Memórias XXIX e XXX, propostas pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional, na Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula

Souza, entre agosto e dezembro de 2018, com a entrevistada Tânia Mara Mancini Bambozzi, por esta ser a professora com mais tempo de docência dentro do Centro Paula Souza e uma professora muito comprometida com escola e muito querida por toda a comunidade escolar.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 23 de outubro de 2018

Nome do transcritor: Analder Magalhães Honório

AMH: Hoje é 29 de agosto de 2018 agora é 1:11, a gente está no laboratório de enfermagem da Etec Sylvio de Mattos Carvalho, com a Professora Tania Mara Mancini Bambozzi. Tânia eu gostaria que você me contasse um pouco sobre a sua história de vida, quando e onde você nasceu?

TMMB: Eu nasci em Matão no dia 20 de janeiro de 1964.

AMH: Sobre seus pais, qual o nome deles, a profissão, e naturalidade deles?

TMMB: Os meus pais são de Matão mesmo, família daqui né? Minha mãe, inicialmente dona, depois que nós, eu e meu irmão fomos para a universidade, ela foi trabalhar para ajudar a compor a renda familiar, e ela é aposentada como coordenadora de creche do município de Matão. O meu pai, funcionário da antiga CPFL, companhia paulista de força e luz, também aposentou-se como, e hoje eu já não tenho mais meu pai, só tenho a minha mãe.

AMH: Então a educação já vem da família? (Risos Tânia) O sangue na educação?

TMMB: A ideia era que nós estudássemos, para que tivéssemos mais oportunidades que eles tiveram. Eles não tiveram condição de terminar Ensino Médio e nem fazer um curso superior então Analder, eles pensaram que a gente... Era isso daí.

AMH: E onde você estudou o primário o primário?

TMMB: Eu fiz o primário na Escola Estadual Inocêncio da Costa, até a quarta série, que na época era chamada de quarta série, depois disto, o antigo ginásio, a gente foi fazer lá na escola Henrique Morato. É... Minha quinta série era uma sala só de meninas, na época ainda tinha isso daí... Sala predominantemente femininas e salas predominantemente masculinas. Terminei lá também o terceiro... Primeiro, segundo e terceiro colegiais na época, a grande também na época era voltada para um curso profissionalizante, e eu lembro que na época pela área de biológicas.

AMH: E o ensino superior?

TMMB: Pois é (risos), o ensino superior é... Eu acabei fazendo enfermagem, eu acho que é legal eu falar aqui, que eu nunca sonhei em ser enfermeira, eu nunca pensei em ser enfermeira. Eu não tive alguém que pudesse ter me mostrado “olha que profissão” bonita”, nunca, nunca, eu nunca tive contato, eu prestei vestibular naquele ano que eu passei na universidade pra letras, na UNESP de Araraquara, eu passei, eu prestei vestibular em Bauru, prestei pra física (risos), passei em física e acabei prestando a USP, que era o vestibular da Fuvest, pra enfermagem. E passei em enfermagem. E como eu tinha um grupo de amigas que também iam para Ribeirão, eu acabei indo pra Ribeirão fazer enfermagem, e olha Analker, eu amo o que eu faço, apesar de nunca ter tido assim alguém que... Eu nunca sonhei em ser enfermeira, mas eu gosto muito do que faço.

AMH: Mas você pensava em ser o que antes? Não tinha nada na cabeça?

TMMB: Eu acho que não, né? Porque era tudo tão eclético, tudo e pensava talvez na área de informática, na época, tanto é que meu irmão acabou fazendo universidade em São Carlos, lá na Federal e ele é da área de ciências da computação.

AMH: Seus pais também não influenciaram em nada na decisão?

TMMB: Absolutamente, nunca, nunca tentaram abordar, tentaram influenciar, nunca. E aí lá em Ribeirão, o curso de quatro anos depois eu fiz licenciatura aqui na UNESP, e voltei pra Ribeirão pra fazer uma especialização em Saúde coletiva, depois fui fazendo outras especializações, e tô aqui (risos).

AMH: Então me fala agora da sua trajetória profissional, primeiro fora da escola, como foi o seu início como enfermeira?

TMMB: Então, eu tive oportunidade de fazer nos dois últimos anos de faculdade, estágio, é, com pessoal da Secretaria Municipal de Saúde aqui de Matão. Eu busquei esse estágio era um estágio gratuito, foi voluntário, é... Trabalhava nas minhas férias, durante um certo período, então eu vim durante dois anos fazer isso.

AMH: Quando foi isso?

TMMB: Foi... Eu me formei em 87, então no quarto ano e no terceiro ano eu vim para cá, eu morava em Ribeirão e vinha sempre, nas férias eu acabei fazendo estágio voluntário. Na época tinha uma enfermeira que era secretaria Municipal de Saúde, que hoje é o colega aqui da escola, que é a Elizete Trovão de Sá. Eu a conheci e a partir daí a gente começou... Comecei trabalhar com ela, isso em dezembro de 87, eu me formei no dia 13 de Janeiro de 88, eu fui contratada pela prefeitura de Matão, era um contrato, e logo teve um concurso público e eu acabei passando, e aí sim, através do concurso, me tornei enfermeira de uma unidade básica de saúde. Inicialmente foi lá na unidade básica do bairro Quarto Centenário, eu no quarto ano de universidade eu fiz um curso de instrumentação cirúrgica, então trabalhava na unidade básica até as 15 horas, né? Eram oito horas que a gente fazia e depois eu vinha instrumentar com um médico cirurgião no Hospital Carlos Fernando Malzoni. Então eu trabalhava como enfermeira na unidade básica e como instrumentador, eu fiz isso durante um ano e meio. Como depois o horário para instrumentar estar exigindo mais tempo eu acabei deixando de instrumentar e continuei só como enfermeira da UBS.

AMH: E você está até hoje no cargo que você começou?

TMMB: Esse cargo eu fiquei um ano na unidade do Quarto Centenário, depois, o centro de saúde, a enfermeira responsável ela foi para Ribeirão, paralelo a tudo isso, houve a municipalização das unidades. O município passou a gerenciar as unidades básicas de saúde e o centro de saúde, que era de gestão estadual passou para municipal, então como essa enfermeira foi transferida para Ribeirão Preto eu fui nomeada no lugar dela e estou lá até hoje.

AMH: E dentro do Centro Paula Souza, como você chegou ao Centro Paula Souza? O que é legal a gente relembrar um pouquinho então começa caindo para

TMMB: Então, eu acho que é legal a gente relembrar um pouquinho então como é que eu acabei caindo pra docência, né? É... com essa mudança no perfil de alguns profissionais da enfermagem, visando a qualificação de funcionários e anteriormente eles eram contratados como agentes de saúde, nem todos tinham curso de auxiliar e técnico em enfermagem, o que aconteceu, o Estado junto com os municípios passou a oferecer cursos através de centros formadores, a gente tem até hoje o centro formador de Araraquara, é um exemplo como outros, aí o que que ele fez, ele acabou utilizado profissionais do município, enfermeiros pra trabalhar como docente na qualificação, na formação de funcionários que eram agentes saúde, e através disso ofereceu curso de auxiliar e técnico de enfermagem. Como se a gente tivesse lá avaliando uma competência, e eu tive a oportunidade de participar por duas vezes de classes formadoras, então eram chamadas classes descentralizadas pra formar essa mão de obra, pra qualificar essa mão de obra. Então nós fizemos inicialmente um curso para auxiliar e depois outro para técnico de enfermagem, nesse período, em meados de 97 a Etec Sylvio de Mattos Carvalho acabou por iniciar uma turma de auxiliar de enfermagem, e eu fui convidada na época pela diretora da escola, a professora Ivone, para prestar o concurso pra entrar como docente, já que a gente ia ter o início da formação do curso de auxiliar de enfermagem, que tinha uma grade curricular de um ano e meio, três módulos. E eu vim, emprestei, tinha uma outra colega que também veio como coordenadora, a Gélsia, e outros profissionais da rede também vieram prestar concurso, porque já tinham essa experiência com classes descentralizadas e o vínculo com o CEFOR, foi assim que a gente veio aqui pra ETEC, e foi esse daí é o embrião do que a gente tem hoje já com tantos anos e tantas pessoas que acabaram fazendo o técnico, inicialmente era só o auxiliar, depois mudou a grade e passou para técnico.

AMH: Você lembra quando foi o seu ingresso?

TMMB: Em 97... Foi... Foi em 97.

AMH: Você já entrou como indeterminada?

TMMB: Eu acho que sim, mas teve o concurso na época, sim.

AMH: Então você é da primeira leva de professores da enfermagem?

TMMB: Sim, sou da primeira letra a primeira leva.

AMH: Você deu aula para primeira turma?

TMMB: Eu dei aula para a primeira turma, o curso era noite, se a gente pensar na estrutura física da ETEC tem hoje, era uma sala, era lá onde é a sala dos professores, e a gente acabava dividindo a sala com o laboratório, a gente tinha aula no mesmo lugar que a gente dava aula prática era o laboratório de enfermagem. E eu te falo mais, essa primeira turma... Esses funcionários estão no hospital trabalhando, alguns fizeram carreira dentro do hospital, assim, acabaram fazendo faculdade, outros cursos...

AMH: Alunos da primeira turma?

TMMB: Alunos da primeira Turma.

AMH: Você consegue citar um nome?

TMMB: Sim, nós temos o Valdécio, o Donizete, é... Tem a Lindinalva, são vários que a gente teve....

AMH: Eu iria te perguntar por que você escolheu a docência, mas aparentemente você não escolheu, a docência te escolheu, foi isso?

TMMB: Analder, foi assim, mas uma necessidade, a princípio uma necessidade pro município e a partir do momento que a escola... teve esse curso, a gente acabou sendo convidada, é... Eu te falei, a experiência com as salas descentralizadas, a gente veio então prestar, né, e acabamos ficando por aqui. Eu acho da turma de professores, de primeira turma só eu fiquei, os demais deixaram a escola e claro esse corpo docente acabou sendo renovado

AMH: Então dos professores que deram aula na primeira turma só ficou você?

TMMB: Só eu.

AMH: E como você consegue articular a relação de trabalho com cotidiano, com família, como que é isso tudo né, você trabalha numa unidade básica, trabalha na escola tem família, como que é esse relacionamento?

TMMB: Eu acho que a palavra é essa... Dá pra articular, porque a gente tá vivendo praticamente os mesmos objetivos, vamos pensar, enquanto enfermeira do Centro de Saúde, responsável pelo centro, as ações de saúde coletiva, a gente tem um gerenciamento, mas a gente também tem que deflagrar uma série de ações pensando na saúde pública, a docência ela exige mais ou menos isso de mim. Então é como se eu carregasse a minha prática pro meu dia a dia enquanto professora, entendeu? Isso exige de mim enquanto professora, também eu preciso preparar aula, eu acho que uma coisa completa a outra Analder, por isso que eu aguento... Eu estou nisso a tanto tempo.

AMH: Mas e a relação com a família?

TMMB: A família, a gente tem um tempo para família, né? E a construção da família se deu ao mesmo tempo da minha construção profissional. Então eu tenho... Dá tempo pra família, tenho tempo pra profissão, e eles estão acostumados que isso acaba acontecendo ao mesmo tempo.

AMH: Não tem nenhum tipo de cobrança por estar dedicando mais tempo ao trabalho...?

TMMB: Não, não, absolutamente, consigo, mesmo porque quando estou aqui na escola, meu tempo não é tanto assim, a minha carga semanal na unidade básica é de 30 horas, e eu tenho várias horas livres, aqui também não tenho uma carga tão alta é 12 horas hoje, então eu não vejo problema com a família, dá para se dar bem em todos esses setores, eu sou meio assim, maluca, porque teve ano que esse curso de especialização em Ribeirão, a gente ia todo dia para Ribeirão Preto, saía daqui às seis horas da tarde, chegava meia-noite, né, porque tem a viagem, no outro dia as cinco e meia da manhã tava lá na unidade, e essa conquista de 30 horas semanais na época não era 30, eram oito, então foi realmente... Passamos por momentos assim de intenso... (risos)... De exigir muito tempo, mas eu não me arrependo dependo de nada, acho que tudo é válido, eu acho.... Gosto do que faço, vivencio isso daí.

AMH: Tânia e como é o seu relacionamento com os alunos, pensando no dia de hoje?

TMMB: A gente tem que pensar em formar bons profissionais, eu penso isso e eu falo com ele sempre, a gente precisa muitas vezes Analder, entender esse aluno nas suas dificuldades, dificuldade que eles trazem já de base, a gente observa até dificuldades em relação ao próprio comportamento, eu acho que o professor ter que ser... É... Pensando que ele está formando profissionais, além de trabalhar a parte da teoria, da prática, da área técnica mesmo, do curso, a gente tem que trabalhar também as dificuldades que eles apresentam, as vezes de relacionamento, comportamento, inclusive a gente tem discutido bastante com o grupo de professores. Às vezes você critica o comportamento do aluno, e de repente aquela frase "Ele não dá o que ele não tem", então a gente tem tentado trabalhar isso também. Além da parte de formação dentro da sala enquanto curso, um pouquinho também da dificuldade que eles trazem de casa...

AMH: E o seu relacionamento com os colegas de trabalho e com a equipe de gestão da escola?

TMMB: Eu não tenho dificuldades, eu acho que eu sou muito respeitada aqui na escola e eu agradeço muito o que eu sou, porque muita coisa foi pela escola, entendeu? E eu com os colegas também não sei se alguém tem alguma coisa (risos) pra falar, mas eu não tenho nada pra falar dos meus colegas, a gente se dá super bem.

AMH: Tânia, e quais são as suas perspectivas profissionais?

TMMB: Então Analder, eu já me aposentei com enfermeira, eu continuo dando aula, continuo trabalhando. É... Eu vejo no trabalho uma coisa essencial do ser humano é importante a gente se sente útil, a gente... É... Se preparou e eu acho que a gente tem que dividir isso com as pessoas entendeu? Então eu pretendo continuar trabalhando, não sei se, um dia não vou poder, mas enquanto eu puder... Eu gosto do que eu faço. Pensando, talvez em diminuir um pouco, mas para frente, mas eu tô... Continuo trabalhando.

AMH: De continuar em sala de aula também?

TMMB: Gosto de dar aula, enquanto eu vou continuar...

AMH: Bom, então você disse que não escolheu ser enfermeira, não escolheu ser professora, e chegou onde chegou. Se você pudesse voltar e de repente fazer diferente, você faria alguma coisa diferente?

TMMB: Eu acho que não, eu acabaria fazendo enfermagem, né? Houveram outras oportunidades pra mim, talvez, se eu tivesse... Eu tive oportunidade de ficar em Ribeirão... Não Sei por que eu sou muito ligada à minha família, então eu escolhi vir pra Matão pra poder ficar perto da família. Talvez teria tomado uma outra situação, mas hoje pensando, eu continuaria como enfermeira sim.

AMH: Se você tivesse que definir a profissão de docente, quais palavras você usaria pra isso?

TMMB: É... Dedicção, paciência, exemplo e respeito.

AMH: Você teria algo que gostaria de dizer que eu não perguntei se eu não consegui levantar?

TMMB: Ah eu acho que não, eu tentei dentro do que você colocou trazer o que eu sinto, eu gosto muito do que eu faço, eu, quando as pessoas me perguntar eu falo que enfermagem tem muito tem muito, muito o que oferecer, mas às vezes a gente se queixa da questão de salário, horário, mas eu não me arrependo, não me arrependo, eu gosto do que faço não, e pensando enquanto professora a gente se reconhecer depois naqueles profissionais com as quais a gente se reencontra, né? É muito bom, com as pessoas com as quais a gente convive e teve oportunidade de conviver, quer seja enquanto aluno, ou como sou enfermeira com ex paciente, ou ex usuário do sistema de saúde... As pessoas reconhecerem na gente algo de bom, então, isso eu acho importante, a gente tem que brigar pra trazer isso para o nosso aluno, que ele sirva, que ele tenha, que ele colha bons frutos daquilo que ele vai procurar enquanto trabalhador, enquanto profissional.

AMH: E você se sente reconhecida e valorizada dentro das suas duas profissões?

TMMB: Graças a Deus, eu acho que sim Analder, não é... Eu acho que sim.

AMH: Bom, então Tânia eu gostaria de agradecer muito, né, pelo tempo que você dedicou pra gente e é um prazer ter você aqui com a gente.

TMMB: Eu é que agradeço Analder.

Descritores

Analder Magalhães Honório

Enfermagem

Etec Sylvio de Mattos Carvalho

Matão

História de Vida

História Oral na Educação
Memórias do trabalho Docente
Profissão Docente
Tânia Mara Mancini Bambozzi
Centro de Memória

Dados Biográficos da Entrevistada



Tânia Mara Mancini Bambozzi nasceu em 20 de janeiro de 1964 em Matão-SP, fez a escola primária na Escola Estadual Inocêncio da Costa e na Escola Estadual Henrique Morato, nesta fez também o colegial. Concluiu em 1987 o curso superior de enfermagem na Escola de Enfermagem da USP Campus Ribeirão. Em 1996 fez especialização em Saúde Pública na Faculdade de Medicina da USP Ribeirão Preto, em 2014 concluiu a Especialização em Educação Profissional na Área de Saúde na Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca e em 2011 a especialização em Gestão da Clínica nas Redes de Atenção à Saúde no instituto Hospital Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa. É enfermeira na prefeitura municipal de Matão desde 1987, responsável pela Unidade Básica de Saúde do centro da cidade. Docente no Centro Paula Souza desde de 17 de março de 1997, leciona componentes curricular do curso técnico em enfermagem.

Dados Biográficos do Entrevistador



Analder Magalhães Honório, nasceu aos seis de outubro de 1982 em Guaíra-SP, cursou o ensino fundamental na Escola Estadual Vicencina Aparecida Vaccaro Morsoleto, o Fundamental II na Escola Estadual Zezinho Portugal e o Ensino Médio na Escola Estadual Encoh Garcia Leal, fez o curso técnico em informática na ETEC Sylvio de Mattos Carvalho no ano de 2003, em 2008 concluiu o curso superior de tecnologia em Processamento de Dados pela Fatec Taquaritinga, em 2010 licenciou-se em Informática pela Fatec Americana, ainda em 2010 concluiu a especialização em Educação Especial e Inclusiva pelo Centro Universitário Barão de Mauá de Ribeirão Preto, em 2014 concluiu a licenciatura em Pedagogia pelo Centro Claretiano de Batatais. Ingressou no Centro Paula Souza em 2008, quando passou a lecionar disciplinas do curso técnico em informática na ETEC Sylvio de Mattos Carvalho onde leciona até hoje. Durante os anos de 2012 e 2013 foi coordenador do curso técnico em Informática e Informática para Internet, ainda em 2013 assumiu a diretoria de serviços da área acadêmica onde permaneceu até janeiro de 2017, quando assumiu a diretoria de serviços da área administrativa, cargo que ocupa ainda hoje. Apaixonado por história e pela Etec Sylvio de Mattos Carvalho, é membro do GEPEMHEP (Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional) desde 2012.

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais

Termo de Autorização para uso de Imagem